O CENTENARIO DE JOSÉ DE ALENCAR

ORAÇÃO QUE DEVERIA SER PRONUNCIADA POR OCCASIÃO DE SER INAUGURADO O MONUMENTO DE JOSE' DE ALENCAR, EM FORTALEZA, NO DIA 1º DE MAIO DE 1929, PELO DR. JOSE' LINO DA JUSTA, EM NOME DO "INSTITUTO DO CEARÁ".

Exmo. Sr. Presidente do Estado.
Exmo. Sr. Presidente do Rio Grande do Norte.
Exmo. Sr. Arcebispo.
Exmas. Senhoras.
Meus senhores.

Através da pobreza das minhas palavras, o "Instituto Historico do Ceará" associa-se, em commoção de respeito e de sincero jubilo, ao esplendor desta commemoração civica, na plenitude de sua solenne finalidade.

Neste ambiente, sagrado nesta hora, porque nelle o povo cearense celebra o ritual de um culto, que é a justiça da posteridade, ainda voejam as ultimas harmonias de uma symphonia immortal e os accordes de um hymno a repercutir pelos ares como a nota mais encantadora e impressionante desta deslumbrante cerimonia.

As almas angelicas da innocencia e da juven-

tude acabam de entoar, numa vibração de amor e de fé patriotica, estas notas sonoras que constituem, por ventura, num relêvo tocante e expressivo, a maior apotheose ao cantor maximo da nossa brasilidade.

Meus senhores.

Não comporta neste momento dizer-vos tudo o que foi a obra intellectual immensa que produziu a mentalidade privilegiada de Alencar.

A outra competirá, em occasião mais opportuna e com maior brilho, tarefa tão excepcional e honrosa.

Demais, se a minha palavra, neste instante, fosse, como os lampejos do Sinai, bastante rapida para vos não fatigar, e bastante fulgurante para illuminar as escarpas, eu não ousaria fazer a escalada da *montanha sagrada*...

Entretanto, é preciso que me approxime da encosta onde ha clarões que deslumbram, e ahi, como um crente extasiado, contemple, num relance embevecido, os visos dourados da cordilheira.

A vida de intensa operosidade intellectual de Alencar foi das mais fecundas que ainda empolgaram o Brasil nos meados do seculo passado.

Jamais fôra ultrapassada por qualquer outro, naquella época memoravel, apezar, de fulgirem espiritos de escol e quando a literatura brasileira parecia emergir do turbilhão espiral de uma nebulosa, da qual fôra elle o primeiro refulgente a scintillar irradiações surprehendentes de imprevistas creações.

A sua personalidade então se destacou no mundo do pensamento, numa culminancia que era o premio da intelligencia, taes as conquistas successivas que o elevaram rapidamente ao fastigio da intellectualidade brasileira.

A rapida jornada para a gloria foi assim uma

trajectoria de forte projecção original, que a todos surprehendeu.

Era a revelação maravilhosa de um expoente de intelligencia, que percorria todo o territorio das lêtras.

Por uma associação de idéas de acóde á mente o trabalho admiravel de outra cerebração, tambem do seculo, e noutro ramo de conhecimentos humanos.

O autor do "Cosmos", Alexandre de Humboldt, foi um viajante infatigavel e pertinaz e o homem de quem disse Littré — "que nada deixou sem visitar; viu todos os mares, atravessou as steppes da Asia e as planicies da America, subiu os picos altaneiros e gelados dos Andes e atravessou até as nevoas mysteriosas do Himalaya, medindo e cotejando todos os acidentes e phenomenos do planeta".

Assim foi José de Alencar que, com o seu vasto talento, sua cultura superior, seu idealismo, sua imaginação potente e infatigavel actividade, percorreu todas as regiões das lêtras.

Romancista, poeta, orador parlamentar, jurista, dramaturgo e jornalista, em tudo foi um predestinado, — eleito dos Deuses.

Nas pugnas da imprensa, deixou uma formosa tradição de combatente audaz, viril e de recursos inexpugnaveis.

E aqui é preciso fique registado um pendor dos seus elevados sentimentos: através da sua obra prodigiosa, sente-se, nas discussões que travou, nos scenarios que descreveu com exuberante colorido, nas lendas do indianismo que o seu genio inventou, repito, sente-se quanto elle amou a Patria, quanto cultuou a Justiça e que paixão e que deslumbramento tinha pela liberdade, esta scentelha divina que, no dizer de Homero, quando se apaga parece que perdemos metade do nosso espirito.

Meus senhores.

O genio de uma raça, conforme Oliveira Martins, "é como a raiz persistente da grama que lavra e reverdece em todos os terrenos, apezar de todas as charrúas".

Na quadra mais laboriosa e effervescente da sua mentalidade, Alencar teve que sustentar, repito, luctas virosas, sempre com descortino superior, quer na imprensa, quer na tribuna do parlamento, e nunca a erva damninha do despeito e da inveja conseguiu fenecer a grama viridente de que fala o historiador lusitano.

E na comburencia das paixões, quando *a politica o tomou na sua nave de ouro e fê-lo polemista ardente e brilhante*, muitos adversarios fortes tentaram abater o colosso, mas viu-se, com admiração, que quanto mais o impulso do ariete percutia o pedestal do gigante, mais parecia elle erguer-se sobrepujando as vulgaridades. E assim, muitas vezes, permaneceu só, emergindo da planicie com aquella majestade serena, no esplendor sagrado de um obelisco egypcio.

Meus senhores.

Alencar, no dizer de Araripe Junior, "foi o mais caprichoso dos artistas americanos. Quando academico, levou para S. Paulo a imaginação e a sensibilidade profundamente abaladas pelos romances que sua Mãe o fazia ler para distrair-se. Ali, na terra dos bandeirantes heroicos, Alencar atirou-se com sofreguidão aos chronistas e aos escriptores de caracter puramente americano, aos pintores da natureza agreste, e começou assim um estudo apaixonado de tudo quanto servisse para dar vida e luz ao seu espirito, fazendo emergir do obscuro este sonho que constituia a essencia da sua propria natureza".

Dahi, o supremo encanto das suas concepções grandiosas, onde, apar de um estylo inexcedivel, suave e bello, resumbra aquella eloquente e doce poesia que, na expressão de Kant, — está em primeiro lugar entre todas as artes.

Assim, de um lyrismo épico nos seus romances; "Iracema" e "Guarany", principalmente, obras imperecivеis, onde elle vasou todas as vibrações emótivas da sua alma, em paginas lapidares que seduzem e enthusiasmam. E o enthusiasmo, disse um pensador, é Deus em nós...

"Iracema", a que elle chamou — *o livro da sua alma,* é a lenda melancholica do amor—"esta expressão humana do infinito". E' o livro que mais popularidade deu ao nome cearense; é o poema doce e mágoado do nosso soffrimento, porque nelle se reflecte com profunda nostalgia o martyrio secular da terra que repelle o filho do seu berço.

O "Guarany" é o romance onde o fulgor e as ardencias da alma do Brasil refulgem quando o alvorecer da civilização vae penetrando no vestibulo majestoso das vastas terras das florestas virgens.

Em qualquer destas obras, revelou-se José de Alencar artista excelso, sem rival na creação de seus heroes e na fascinação descriptiva das paisagens que esboçou com tanta formosura. E assim podemos dizer a seu respeito o que um dia elle disse de Victor Hugo: "O poeta teria sido um grande pintor se, em vez da penna que o seu anjo da guarda arrancou de suas azas para dar-lhe, elle tivesse encontrado no seu caminho uma palheta e um pincel".

Machado de Assis, esse principe que foi tambem de nossas lêtras, escrevendo o prologo para uma edição monumental do "Guarany", e que não chegou a ir avante, disse da obra do seu dilecto amigo e admirador:

"O "Guarany" foi a sua estréa. Desde a entrada estamos em puro e largo romantismo. A ma-

neira grave e apparatosa com que D. Antonio de Mariz toma conta das suas terras lembra os velhos fidalgos portuguezes, vistos através da solennidade de Herculano; mas já depois intervem a lucta do goytacaz e entramos no coração da America. A imaginação dá á realidade os mais opulentos atavios. Que importa que ás vezes a cubram demais? Que importam os reparos que possamos fazer na psychologia do indigena? Fica-nos o exemplo da delicação, como em Cecy a candura e faceirice; ao todo uma obra em que palpita o melhor da alma brasileira. A originialidade do autor estava na imaginação fecunda, ridente ou possante, e na magia do estylo.

Alencar era um artista fadado para distribuir a vida".

... "A posteridade dará a este livro (o "Guarany") o lugar que definitivamente lhe competir. Nem todos chegam intactos aos olhos della; casos há em que um só resume tudo que o escriptor deixou neste mundo. O autor de "Iracema" e "Guarany" póde esperar confiado. Há aqui mesmo uma inconsciente allegoria.

Quando o Parahyba alaga tudo, Pery, para salvar Cecy, arranca uma palmeira a poder de grandes esforços. Ninguem ainda esqueceu esta pagina magnifica. A palmeira tomba; Cecy é depositada nella, Pery murmura ao ouvido da moça: *Tu viverás!* e vão ambos por ali abaixo, entre agua e ceu, até que se somem no horisonte...

Cecy é a alma do grande escriptor; a arvore é a Patria que a leva na torrente dos tempos: *Tu viverás!*"

. . . . . .

E' por isto, meus senhores, que a obra de Alencar há de atravessar gerações, sempre nova, palpitante e viva, deleitando os espiritos e commovendo os corações.

Excitar a emoção, affirmou Pierre Lotti, deve ser o fim de toda obra d'arte.

E são essas faculdades da sensibilidade que criam a individualidade do artista.

"E' por esta razão, (opina eminente publicista), que hão de estar sempre a surgir poetas novos que cantarão eternamente para seus irmãos a canção das suas almas, das suas alegrias e dos seus temores em presença da vida e da morte, em presença do amor, em presença do enygma do mundo. E por mais velha que esta canção pareça, ha-de todavia ser sempre nova, do mesmo modo que os sorrisos e as lagrimas são sempre novos, embora sejam eternos".

Meus senhores.

Contemplemos um instante este monumento. Diz Marcello Prevost "que uma obra de arte é bôa se transporta a alma a uma atmosphera de idealidade".

Um dia, o genio de Miguel Angelo esculpio, com inspiração divina, num bloco de marmore, na Capella dos Principes, em Florença, a Athenas da Italia, — a figura de Lourenço de Medicis, duque de Urbino.

Conta um viajante que o busto de Lourenço de Medicis está sentado numa cadeira e com tal expressão de recolhimento que a estatua é conhecida com o titulo de *O Pensativo*. A seus pés estão o *Crepusculo* e a *Aurora*.

Assim, aqui, neste soberbo monumento.

O talento do inspirado artista paulistano, em linhas de admiravel perfeição e sernidade, esculpiu o vulto de Alencar tambem — pensativo, meditando talvez na propria visão deslumbrante da sua immortalidade.

A seus pés estão tambem dois symbolos, de uma expressão admiravel de sentimento, belleza e energia.

Iracema — entregando o filho do seu amor ardente e da sua dor incommensuravel, é o *Crepus-*

culo, esta tristeza do sol, representando a predestinação de uma raça forçada, em collapsos cruciantes, a deixar o berço natal.

No reverso, porém, está Pery, a *força indomita* desta mesma raça. E' o Brasil, com seu destino prophetico, é a vida que surge e marcha numa parabola luminosa e ascendente, é a mocidade, é a *Aurora*, sorrindo para o mundo, e por onde desponta a claridade do sol, na sua eterna alegria, fecundando a eternidade da terra da harmonia mysteriosa e divina do Universo.

Meus senhores.

A tarde já vae morrendo, envolta no sudario esmaecido desta luz indecisa e suave que é a penumbra zodiacal do occidente, annunciando a melancholia da noite.

Das bandas do oceano já vem roçando as espumas *dos verdes mares* a brisa que vae levar frescura á terra dos tabajaras, *além, muito além daquella serra que ainda azula no horisonte.*

Perpassa pelos ares um rumor de azas que descem do azul em rumo do lençol das praias brancas.

E' a jandaia que *fugira ao romper d'alva*, para *não tornar mais á cabana de Iracema*, e que, no entretanto, volta agora, ridente e alegre, não para repetir o nome da formosa tabajara, mas para ciciar talvez aos ouvidos de Alencar aquellas duas palavras propheticas: *Tú viverás!*